

Arte e Consumo: A Imagética da Experiência Religiosa¹

Farley Santana Pereira²

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

RESUMO

Explorando a relação entre arte e consumo a partir da experiência candomblecista, este ensaio analisa a influência da religião no fazer artístico, tendo a exposição "Abre Caminhos" na Custódio Galeria (RS) como ponto de partida, com foco nas obras de Bere Magalhães (SP) e Laerte Heredia (RJ). O texto aborda a diversidade das nações do candomblé, com ênfase na Nação Ketu. A análise crítica de obras e entrevistas com os artistas, os resultados revelam que a arte desempenha papel significativo na construção e difusão das filosofias do candomblé, contribuindo à compreensão mais inclusiva da prática religiosa, articuladas a partir do consumo material e simbólico das obras de arte.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Consumo; Candomblé; Experiência Religiosa; Fazer Artístico.

INTRODUÇÃO

Tendo como ponto de partida as religiões afro-brasileiras, este ensaio propõe-se a desenvolver uma análise da relação entre arte e consumo a partir da experiência candomblecista. Nesse sentido, será explorado, em termos imagéticos, como a religião está vinculada à expressão artística, permeando as elaborações estéticas e a compreensão da influência da experiência religiosa no sujeito enquanto artista e seus fazeres.

Para aprofundar a faceta do consumo, aqui será apresentada a análise da obra de dois artistas, Bere Magalhães (SP) e Laerte Heredia (RJ), que estiveram em evidência na exposição coletiva de inauguração da Custódio Galeria, localizada na Centro Histórico da Capital Gaúcha, Porto Alegre, o espaço que é dedicado à arte em sua forma contemplativa e comercial; e que engloba em seu manifesto a dedicação a perspectiva dissidente na arte contemporânea. O mote curatorial, “abertura de caminhos“, tem

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação, consumo e religião, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Ciências Sociais e do Consumo da ESPM-SP, e-mail: farlleysantana@gmail.com

referência à Bara, um dos principais orixás das religiões de matriz africana, com isso busca-se examinar as obras que estavam expostas e quais narrativas elas constroem e colaboram para a experiência religiosa.

METODOLOGIA

O caráter metodológico fundamenta-se em uma ênfase qualitativa, destacando-se a perspectiva de inspiração etnográfica. Segundo Angrosino (2009, p. 16), a abordagem etnográfica busca compreender, descrever e, por vezes, explicar os fenômenos sociais "de dentro", explorando diversas formas de análise, que podem envolver a investigação de experiências individuais ou grupais, vinculadas a narrativas biográficas ou práticas, sejam elas cotidianas ou profissionais.

No presente estudo, optou-se pela técnica de entrevista em profundidade, seguindo um roteiro semiestruturado, a fim de explorar as práticas artísticas e a experiência religiosa candomblecista dos artistas Bere Magalhães e Larte Heredia. Tal abordagem permitiu uma imersão profunda no universo desses sujeitos. Para a análise dos dados coletados, recorreu-se à abordagem de análise de conteúdo proposta por Bardin (1994), que visa construir conhecimento ao analisar o "discurso", a organização e os termos utilizados pelos entrevistados, buscando identificar a presença ou ausência de características específicas em determinados fragmentos de mensagens (Bardin, 1994).

No desenvolvimento da metodologia, destaca-se a importância do levantamento bibliográfico como ferramenta para a obtenção de maior familiaridade com os tópicos abordados, visando torná-los mais explícitos ou subsidiar a formulação de hipóteses. Nesse sentido, foram exploradas bases de dados como Scielo, Google Scholar e Google Search.

DESENVOLVIMENTO

Para compreender a presença do candomblé no Brasil é necessário retornarmos aos tempos em que a escravidão persistia como uma realidade latente. Diante da diáspora compulsória de negros de diversas nações, o Museu Afro Brasil aponta que “candomblé não é um único culto religioso, mas antes uma série de cultos estreitamente

aparentados”³. Em texto publicado pela Revista Senso⁴, os terreiros também são formas de estabelecermos "laços de solidariedade e de ajuda mútua e, também, possibilidades de identidades múltiplas, costuradas segundo exigências situacionais e estratégias de resistência ou inclusão", esse fator é o propulsor da "reconstrução da religiosidade africana no Brasil e que permitiu, no começo do século XIX, a criação de espaços religiosos coletivos de matriz africana", afirma Bassi (2020)⁵. Segundo Nei Lopes, sambista, compositor popular, escritor e estudioso das culturas africanas, o candomblé é o “nome genérico com que, no Brasil, se designam o culto aos orixás jeje-nagôs e algumas formas derivadas, manifestas em diversas ‘nações’” (LOPES, 2004, p. 162).

No âmbito dessas distintas manifestações religiosas, o candomblé se desdobra em diversas ramificações que delineiam a origem de sua fundação, entendidas como "nações". A diferenciação dessas correntes ocorre a partir da localização territorial (origem dos escravizados), pelo dialeto utilizado nos rituais, o toque dos atabaques e a liturgia. Uma das nações que se destacou foi a Nação Ketu, originada por povos advindos da Nigéria e Benin, concentrados sobretudo em Salvador, Bahia. Nessa nação, pertencente ao grupo dos Nagôs, estavam os Yorubas (Iorubás), que têm como Deus supremo a representação de Olorun, responsável pela criação das divindades, ou Orishas (Orixás).

a. Abre Caminhos

A abertura da exposição "Abre Caminhos", na inauguração da Custódio Galeria, localizada em Porto Alegre, que, com curadoria de Anderson Coelho, teve seleção de aproximadamente 12 artistas visuais. A narrativa construída tem como princípio ser além de uma "*exposição religiosa mas uma exposição que pretende ser o pilar fundamental da construção de um novo espaço de arte*"⁶, afirma o perfil oficial da galeria em seu perfil no instagram.

Nesse sentido, podemos considerar que há um foco em construir um espaço que valorize aspectos de matriz africana, seja na experiência religiosa ou imagens que

³ Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/manifestacoes-culturais/candomble>> Acesso em 15 de setembro de 2023.

⁴ Disponível em: <<https://revistasenso.com.br/zrs-edicao-16/terreiros-de-candomble-espacos-do-axe/>> Acesso em 15 de setembro de 2023.

⁵ Disponível em: <<https://revistasenso.com.br/zrs-edicao-16/terreiros-de-candomble-espacos-do-axe/>> Acesso em 15 de setembro de 2023.

⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CxQg8c-r1-x/>> Acesso em 25 de Outubro.

colaborem para a narrativa curatorial. Ergue-se também um mecanismo de conexão e intercâmbio de experiências, seja para aqueles que expõem, seja para aqueles que estão consumindo simbolicamente as imagens. Dessa forma, as obras de arte em evidência podem ser consideradas formas de representação visual da matriz africana, que desempenhará um papel importante na construção do imagético sociocultural. Nessa conjuntura, retoma-se e cria-se uma memória coletiva, bem como gera um espaço para recriação de realidades imagéticas.

b. A encruzilhada do fazer artístico

Os artistas Beré Magalhães e Laerte Herédia, conhecido também como Ori, convidados a participar de uma entrevista de aproximadamente 60 minutos, realizada em formato online com o autor deste estudo, para compartilhar suas experiências enquanto artistas e adeptos, diretos ou indiretos, do candomblé. Ao longo do texto as falas obtidas através das entrevistas serão citadas entre aspas e referenciadas com parenteses com os respectivos sobrenomes dos artistas.

Bere, Yawô no Ilê Asé Omô Nanã, amante do samba, da música brasileira e da beleza na concisão da filosofia negra. De acordo com o disponibilizado pelo artista em seu site portfólio, seu trabalho está fincado no

"expressionismo abstrato produzido com forte influência da arte Naïf brasileira" na qual retrata "suas referências artísticas e vivências para dentro do universo visual no qual Beré se denomina interlocutor. Esse espaço [é] como um refúgio, um universo que como o nosso carrega complexidades, discussões sociais e filosóficas". (MAGALHÃES, 2023).

Já Orí, Laerte Herédia, natural do Rio de Janeiro, cercado de influências do samba, se descreve como um multiartista, percorrendo por atividades como pintor, quadrinista, ilustrador e trabalha ocasionalmente com cerâmica, dessa forma, destaca a *"cultura afro-brasileira, os homens e mulheres do samba, da arte, da vida"*⁷, nesse sentido, o artista indica que a pintura é uma forma de exercício da fé, em suas palavras: *"Meu avô foi pai de santo, suas filhas preferiram não seguir a religião, então o axé dele ficou guardado esperando para se manifestar"* (HERÉDIA, 2023), dessa forma, *"exerço a fé pela pintura. O Candomblé aparece muito na minha arte"* (HERÉDIA, 2023).

⁷ Disponível em: <<https://orifineart.com.br/sobre/>> Acesso em 27 de outubro de 2023.

Para Bere Magalhães, a influência da religião aparece e materializa através da *"perspectiva [das] cores: o marrom, tons terrosos, remetem a sustentabilidade e terreno, gerando a aproximação. Influência inconsciente"* (MAGALHÃES, 2023), de forma simbólica e menos explícita, a experiência coletiva aparece com sutileza, mas que traduz elementos essenciais do candomblé: a conexão com a terra, natureza e elementos filosóficos.

Quando nos aproximamos das obras produzidas e expostas pela Custódio Galeria, observa-se que os estilos de representar algum aspecto religioso se distinguem entre os artistas. A obra de Orí, Laerte Herédia, destaca-se pela mescla de elementos tradicionais e contemporâneos, mas permeando sempre o figurativo. No que tange a produção imagética, o artista afirma que *"quando você trata a imagem, você deve tratar dentro dos preceitos da religião. quando trato do orixá de alguma forma, tem alguns códigos que devem estar dentro daquela imagem"* (HERÉDIA, 2023).

Por outro lado, com um trabalho mais abstrato, Bere Magalhães irá enfatizar uma abordagem filosófica, em suas palavras, uma:

"educação pela filosofia do orixá". Dessa forma, em sua compreensão há uma "visão ocidental de criar símbolos e formas animadas de coisas que não necessariamente são físicas. [Devemos] separar a noção imagética da filosofia. A religião foi colocada numa caixa onde o ser religioso foi colocado numa camada circunstancial", (MAGALHÃES, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar a interdisciplinaridade entre obras de arte que representem a curadoria da galeria e o consumo da imagética religiosa, expressa-se aquilo que o antropólogo Da Silva (2008, p. 100) identifica na arte religiosa afro-brasileira como "uma concepção na qual o corpo ocupa um lugar central, pois é nele que se localizam as encruzilhadas entre o indivíduo e o coletivo, a cultura e a natureza, o sagrado e o humano".

Dessa forma, podemos compreender que as fontes para criar e interpretar obras que carregam, explícita ou implicitamente carga religiosa de matriz africana, podendo estar situada nos pormenores, detalhes que fazem parte do cotidiano e se transformam em símbolos com capacidade de desconstrução de um estigma, e mesmo difusão de novas filosofias de enxergar e interpretar o mundo através da arte.

Através da perspectiva da nação Ketu, que trata das vicissitudes da vida terrena, da felicidade dos seres e da preservação das forças naturais no mundo, a concepção de

divindade, sob essa nação, não está atrelada a juízos de bem ou mal, mas reflete um potencial semelhante ao comportamento humano, onde o mesmo espaço pode ser habitado por manifestações tanto "positivas" quanto "negativas". Isso confere à religião uma natureza terrena, focalizando-se na conexão entre o passado, presente e futuro dos seres naturais neste planeta, que são retratados de diferentes formas e técnicas artísticas,

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. V.; BASTOS, N.. Arte como conceito e como imagem: a redefinição da "arte pela arte". *Tempo Social*, v. 25, n. 2, p. 181–203, nov. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-20702013000200010>>. Acesso em: 25 setembro 2023.

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante: coleção pesquisa qualitativa*. Bookman Editora, 2009.

LOPES, N. *O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical: partido-alto, calango, chula e outras cantorias*. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

Museu Afro Brasil. Índice Biográfico. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/manifestacoes-culturais/candomble>. Acesso em: 15 setembro 2023.

ORI Fine Art. Disponível em: <https://orifineart.com.br/sobre/>. Acesso em: 27 outubro 2023.

Senso: Revista Multidisciplinar em Humanidades. Terreiros de Candomblé: Espaços do Axé. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/zrs-edicao-16/terreiros-de-candomble-espacos-do-axe/>. Acesso em: 15 setembro 2023.